

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM LÍNGUA INGLESA: REFLEXÕES SOBRE A LEITURA DE TEXTOS IRÔNICOS NA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA POLIFÔNICA DE DUCROT

Sílvia Mônica Moura Lima¹
Beatriz Gama Rodrigues²

RESUMO

O presente artigo visa refletir sobre a leitura de textos irônicos em língua inglesa enquanto atividade enunciativo-polifônica. Na educação básica, é basilar que as aulas de leitura se fundamentem na construção de sentidos e não simplesmente na decodificação “literal” de informações, haja vista que em muitos momentos nossa fala se realiza por entrelinhas.

Palavras-chave: leitura, inglês, ironia.

1. Introdução

Contemplar a linguística enquanto ciência exige-nos uma postura condescendente a construção de seu objeto ao longo dos anos em que foi e é instituída. Defini-la não tem sido fácil e unânime nas discussões acadêmicas, sobretudo, nas perspectivas teóricas atuais, as quais se dimensionam, na maioria das vezes, transdisciplinarmente, ou seja, em ciências articuladas entre si para a explicação de fenômenos relacionados à linguagem (língua).

Conforme, Borges Neto (2004, p. 32), muitas ciências possuem a linguagem como objeto de estudo, contudo, as maneiras como a teorizam graduam significativamente. Enquanto a linguística desenvolve um estudo nuclear sobre a linguagem, as outras ciências apresentam visões periféricas, mas todas com sua relevância. Ainda de acordo com o autor, a definição do objeto de estudo não é estática, pois os métodos que as teorias utilizam continuamente evoluem, mediante o contexto histórico e os conhecimentos

¹ Estudante do Mestrado Acadêmico em Letras, área de concentração: Estudos da Linguagem - Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portela. Especialista em Tecnologias digitais e Novas Educações. E-mail: silviammonica@yahoo.com.br

² Professora do Mestrado Acadêmico em Letras, área de concentração: Estudos da Linguagem - Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portela. Doutora em Linguística Aplicada - PUC-SP. E-mail: biagrodriques@yahoo.com.br

científicos articulados entre os estudiosos. Logo, constatamos que estudar a Linguística necessita um olhar cauteloso sobre seus momentos históricos que refletem os vários modos investigativos que recorrem nessa área.

Face ao exposto, e considerando que cada corrente linguística, desdobra-se em teorias que versam sobre o mesmo objeto, a língua, embora apresentando suas especificidades, escolhemos nesse texto discutir sobre a teoria enunciativa de Oswald Ducrot, especialmente, seus conceitos em torno da polifonia e ironia, objetivando uma reflexão sobre como seus conceitos podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da habilidade de leitura em língua inglesa.

A motivação de escolhermos a enunciação, dentre as teorias linguísticas, é justificada por compreendermos que o desenvolvimento da competência leitora em sala de aula deve-se fundamentar na produção enunciativa realizada pelos sujeitos envolvidos em uma situação contextual. Ademais, coadunamos com os mesmos critérios que Flores e Teixeira (2008, p. 8) escolheram para seu texto sobre a linguística enunciativa, pois consideramos que fazer um estudo a respeito dessa teoria é contemplar o legado linguístico estrutural fundamentado por Ferdinand Saussure e demais estruturalistas, bem como perceber a importância da ampliação de um estudo da língua envolta não só de fatos sociais, mas também de fatos individuais (fala e desempenho) na construção de sentidos.

2. Reflexões sobre a enunciação e sua contribuição para a aprendizagem de línguas

A enunciação não é uma perspectiva tão nova assim, estando já presente nos relatos de Bally, entre 1912 e 1926, por meio de suas discussões em torno do discurso indireto, e Bakhtin (1997[1979]) através de suas reflexões em torno da linguagem em que tece duras críticas à linguística formal ao diferenciar oração (forma destituída de sentido) de enunciado, enfatizando que apenas ao ser enunciada a oração garante seu sentido.

Mas, foi sem dúvida, Émile Benveniste (1974) a mola propulsora para os estudos enunciativos. Em suas reflexões compiladas nos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral*, repensa sobre o objeto de estudo da linguística estrutural, que ignorava as várias manifestações como dialetos, socioletos, etc., bem como se debruçava limitadamente às regulações da frase, e sugere uma ampliação à fala e aos fatos extralinguísticos (PAVEAU, 2006), fundamentando os estudos enunciativos da linguística contemporânea.

A principal crítica da corrente linguística enunciativa para as investigações saussurianas deriva da relevância que dispõem aos estudos concentrados à constituição estrutural da linguagem, mediante os fatores sociais, homogêneos e estáveis da língua versus os fatores individuais e heterogêneos da fala. Saussure delimita seu estudo para o sistema abstrato da língua visando compreender como se desvela mediante suas regras.

Para Benveniste (1995, p. 139), “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (PAVEU, 2006, p. 177). Assim, compreende-se que o estudo do fenômeno da linguagem deve abraçar aspectos intralinguísticos (língua) e extralinguísticos (fala), pois se a enunciação é o ato, e o enunciado é o que foi proferido, a enunciação engloba tanto o conhecimento internalizado do sistema que as pessoas possuem e compartilham em sociedade quanto os aspectos individuais proferidos pelos falantes.

A este respeito, Cristovão e Nascimento (2011, p. 34) consideram que a virada enunciativa é promissora, pois conduz novos olhares ao processo educativo, gerando debates e pesquisas em torno dos princípios sociointeracionistas, ou seja, podemos verificar que a aprendizagem de línguas atualmente busca o envolvimento dos conhecimentos linguísticos à linguagem em uso.

Benveniste, por exemplo, em sua teoria sobre o aparelho formal da enunciação, faz contribuições essenciais, de modo que podemos vislumbrar as funcionalidades que ocorrem nos enunciados por meio das formas dêiticas que espelham a situação enunciativa, das quais envolvem o tempo, espaço e os sujeitos (locutor e interlocutor) que integram o enunciado, e que tornam a aprendizagem de pronomes pessoais, demonstrativos, advérbios, etc. significativa a situações factíveis, fazendo que os alunos possam apreender os sentidos em contexto.

Não muito diferente, as teorias enunciativas assemelham-se por partirem de pressupostos saussurianos e buscarem contemplar a linguagem em uso, mas resultam em metodologias diversificadas, ou seja, em olhares um pouco distintos para o mesmo objeto. Mediante esses fatos, pretendemos no tópico seguinte dialogar um pouco mais, voltando-nos à teoria da enunciação e polifonia de Oswald Ducrot (1980), fazendo reflexões sobre suas possíveis contribuições para as aulas de leitura de cartuns em língua inglesa, competência necessária para os alunos que necessitam engajar-se enunciativamente na leitura para a compreensão de fatos ditos e não ditos.

3. A teoria da enunciação polifônica e ironia de Oswald Ducrot: reflexões sobre a abordagem de leitura em língua inglesa

Oswald Ducrot, filósofo francês da linguagem e difusor da enunciação, despertou seus interesses por essa ciência através de leituras como o estruturalismo saussuriano e, principalmente, a Teoria dos Atos de Fala de Austin. Dentro da enunciação, Ducrot relata em uma entrevista relativa à sua trajetória e legado aos estudos da linguagem que não teve influências imediatas em Benveniste, apesar de ter sido seu aluno. Na verdade, afirma que se inspirou inicialmente nas escrituras de filósofos ingleses e o que teria conhecido muito mais tarde, mas que aquele teve importância para seus estudos. (XAVIER, 2012, p. 11-17). Em companhia de seu colega de pesquisa, Anscombe, por volta dos anos 1970, desenvolveram a Teoria da Argumentação na Língua em que propõem que na maioria dos enunciados há certos traços que determinam seu valor pragmático à parte de seu conteúdo informativo, ou seja, perceptíveis ao uso da língua e não por sua constituição enquanto sistema.

Ducrot elabora suas primeiras concepções da teoria enunciativa e passa a conceituar enunciação como “o acontecimento histórico constituído pelo fato de que um enunciado foi produzido, isto é, que uma frase foi realizada.” (DUCROT, 1995, p. 608 apud PAVEAU, 2006, p. 178), concepção semelhante à de Benveniste e, sobretudo, à de Bakhtin, pois diferencia a frase de enunciado, posicionando-se num estudo “estritamente linguístico”. Em outras palavras, percebe na dicotomia língua e fala sua interrelação, pois o sistema abstrato só se constitui em sentidos através de sua manifestação na fala, sendo assim, interdependentes (SILVA, 2012, p. 174). Sua teoria e de Anscombe tem sofrido reformulações ao longo dos anos, propondo resolver os “impasses que possam invalidar o eixo central de sua teoria”, (FLORES E TEIXEIRA, 2008, p. 64). Em virtude disso e da dimensão pequena desse texto, propomos um recorte no que concerne à polifonia e à ironia em sua teoria da enunciação.

Podemos dizer que polifonia é um conjunto de vozes que se articulam nos enunciados proferidos pelo sujeito da enunciação. Ducrot (1987), em seu *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*, contesta a afirmação de que só exista um único autor para o enunciado (FLORES E TEIXEIRA, p. 64). Pelo contrário, sua tese é a de que o enunciado exprime uma “pluralidade de vozes, diferentes daquela do locutor, ou ainda,

[...] palavras que o locutor não toma por sua própria conta, mas coloca, explicitamente ou não, entre aspas, uma ‘polifonia’ (DUCROT, 1980, p. 44 apud PAVEU, 2006, p. 184).

É necessário comentar que Bakhtin também utilizou o termo polifonia, ainda que em uma perspectiva diferenciada, mas com algumas similaridades: discutir a unicidade do sujeito (PAVEAU, op. cit.). Ademais, Ducrot parte do princípio que a enunciação é fruto de uma semântica linguística, pois considera a frase como sistema abstrato e o enunciado, local onde são produzidos/construídos os sentidos através dos sujeitos, que não podem ser entendidos unicamente com o autor da fala ou da escrita, mas como representações no sentido desse enunciado (FLORES E TEIXEIRA, p. 65).

Deste modo, Ducrot enfatiza que há três tipos de sujeitos passíveis de uma interação polifônica no enunciado: o *sujeito falante* ou *empírico*, que é o verdadeiro autor do enunciado, o sujeito do mundo real; o *locutor*, o sujeito atribuído como responsável pela enunciação direcionada ao seu alocutário (outro participante do ato enunciativo) e que pode integrar tanto o sujeito empírico quanto suas personificações: cachorro que fala, por exemplo. É a partir dessas interações que podemos depreender suas marcas enunciativas como “eu”, “mim”; o *enunciador*, responsável pelos atos ilocucionários.

De acordo com Ducrot (1987, p. 192 apud Dominguez, 2013, p. 16), os enunciadores são “seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas, se eles falam é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras”. Isso significa que, os enunciadores são representações que, normalmente, desvelam-se sem marcações explícitas, como ocorre, por exemplo, nos discursos irônicos.

A linguagem, segundo Ducrot, é permeada por uma subjetividade, ou seja, seus sentidos não são objetivamente prontos. Logo, é necessário compreender a relação entre as diferentes vozes que interceptam o discurso. Há situações em que dizemos, por exemplo: *Ela está perfeitamente feliz!*, mas suponhamos que nosso objetivo é que o interlocutor compreenda o oposto do que dizemos, como ocorre nos discursos irônicos.

Algumas vezes, isso ocorre de maneira velada, utilizando-se do ponto de vista de um enunciador. Nessa lógica, o locutor tenta se desvencilhar ou amenizar um pouco de sua responsabilidade sobre o que disse. Nas palavras de Paveau (2006, p. 185-186), o enunciado irônico refere-se “a uma outra voz que a aquela do locutor, voz que o locutor

apresenta como ilógica, incoerente ou ridícula e, pois, desqualificada”, afinal, ele intenciona dizer o oposto.

Acreditamos que a aprendizagem de uma segunda língua deva refletir os usos sociais que fazemos da língua. Nessa linha de pensamento, Aguiar (2012, p. 39), parafrazeando Scheneuwly e Dolz (2004), incita que “a sala de aula deve recriar situações que propiciem a reprodução das práticas sociais de referência a fim de instrumentalizar os alunos a agirem adequadamente com a linguagem em uma situação de comunicação real”.

Destarte, a compreensão da linguagem em uso é relevante, pois os alunos podem compreender não apenas a estrutura da língua em si, mas se engajar enunciativamente nas diferentes situações, contextos e sujeitos. Nessa perspectiva, consideramos que a leitura de textos irônicos requer dos leitores uma postura ativa, pois a construção de seus sentidos está muitas vezes nas entrelinhas. Vejamos um exemplo:



O cartum caracteriza-se por uma apresentação verbo visual com personagens fictícios em situações habituais do cotidiano, de maneira atemporal e com um toque de humor. Além dessas características, a ironia é outro ponto fundamental do cartum, pois geralmente é utilizada com a finalidade de tornar sua leitura cômica.

Compreendê-lo, assim como todo texto, requer do leitor uma postura ativa, que segundo Kleiman (2008, p. 13) realiza-se na “interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir do texto”, e por esse motivo a leitura é um processo

³ Cartum disponível em: < <http://goo.gl/eFhsyx> >. Acesso em 06 de setembro de 2014.

interativo e de co-enunciação, pois os sentidos são construídos tanto pelo autor quanto pelo leitor.

Na figura 1, percebemos que o sujeito empírico (autor) utiliza-se de uma situação comum entre os casais: os personagens estão no quarto, aprontando-se, possivelmente, para o trabalho ou evento social. Até o momento em que a locutora questiona o seu companheiro: *pareço gorda?* Ele ironiza a situação e resolve responder com outra pergunta: *pareço estúpido?* (tradução livre). Percebamos que na voz do locutor (esposo) há, na verdade, um enunciador irônico, respondendo uma pergunta com outra, de maneira que na leitura descontextualizada poderia ser interpretada como ilógica e desqualificada. Portanto, a leitura de cartuns na sala de aula torna-se interessante, pois requer dos discentes não apenas informações textuais previsíveis, mas a compreensão de subtendidos demarcados nos enunciados.

Entretanto, infelizmente, ainda persiste a crença de que ler textos em inglês seja apenas a decodificação de palavras para o português. Nesse aspecto, comprovamos que exclusivamente a decodificação não proporciona a leitura, pois os enunciados irônicos são construídos para serem ditos de uma maneira (frase enunciada) e interpretados em seus implícitos, sua oposição (antífrase). Para compreender esse gênero, o aluno deverá ativar seus conhecimentos prévios relacionados ao que está sendo contextualizado, deverá depreender os sentidos ditos e os não ditos, como já salientava Ducrot (1987) a respeito do processo enunciativo, haja vista que não se trata de uma atividade transparente. Vejamos outro exemplo:

Fig. 2 Fonte: Internet⁴



⁴ Cartum disponível em: < <http://goo.gl/TttHlh>>. Acesso em 06 de setembro de 2014.

Nesse cartum, percebemos uma outra situação habitual, os interlocutores estão à espera do elevador. A locutora diz: *Parabéns, você desbloqueou o código, se você apertar o botão do elevador três vezes, depois de já ter apertado, ele passa para o modo 'rápido'*. E o alocutário responde: *verdade?* (tradução livre) Ao realizarmos a leitura, compreendermos que a locutora, pronuncia-se por marcações veladas para dizer nas entrelinhas que não adianta o seu interlocutor insistir apertando o botão de chamamento do elevador, pois bastaria uma vez para que ele atenda ao pedido. O alocutário não percebeu o tom irônico na fala da locutora, e pensou que estivesse falando realmente sério. Saibamos que isso é factível, pois muitas vezes ao enunciar criticamente, utilizamos uma ironia fina, que aos ouvidos dos interlocutores podem não ser interpretados como uma antífrase, ou até mesmo por não terem vivido situações parecidas, nunca terem utilizado o elevador, por exemplo.

Compreendendo que a leitura seja um ato interativo ou co-enunciativo, refletimos que a postura dos leitores não deve ser passiva. Pelo contrário, os leitores devem interagir com o jogo polifônico demarcado pelas diferentes vozes que perfazem o texto, construindo sentidos a partir de inferências contextuais e de mundo. Acreditamos que a leitura desse gênero em sala de aula é valiosa, pois permite que o aluno visualize situações de seu cotidiano em outra língua, além de favorecer a criticidade do mesmo diante dessa interação.

Considerações finais

Muitas crenças ainda persistem sobre uma concepção de leitura voltada à decodificação de significados estáveis e absorção de ideias expostas pelo autor (MARIANI, 2005, p. 107), como se fosse possível interpretar as palavras ao “pé da letra”, afinal, nem mesmo no dicionário os significados são apresentados como únicos, mas se observarmos atentamente um verbete, perceberemos que há uma variedade de significações possíveis.

Acreditamos que a escola e a comunidade docente devem repensar sobre como se reflete a abordagem de leitura em uma segunda língua, pois “ler não consiste apenas em decodificar palavras, mas implica perceber a associação lógica, assim como o encadeamento dos pensamentos e as intenções do autor, posicionando-se diante deles” (GUARESI, 2007, p. 163).

Nesse sentido, acreditamos que a leitura em língua inglesa sob o prisma da teoria polifônica de Ducrot possibilita reconhecermos a importância de compreendermos a leitura como um processo social, de compartilhamento de experiências, de reconhecimento que a leitura em língua estrangeira não é só transferência de um código a outro. A virada enunciativa tem gerido reflexões nos próprios manuais oficiais que buscam nortear os professores em como devem ser mediadas as aulas, buscando incluir o aluno em outras realidades, a simular suas práticas reais.

A enunciação é profícua à medida que visualizamos a aprendizagem de línguas como uma atividade sociointeracional, em que professores e alunos agem discursivamente, construindo sentidos de situações reais ou simulações dessa realidade. Ressaltamos que todas as teorias linguísticas têm sua importância não só para as academias, mas para o contexto educativo.

Infelizmente, os problemas ainda parecem nas academias através das grades curriculares, pois na maioria das vezes permanecem enrijecidos ou com cargas horárias insuficientes. Problemas esses já repercutidos ainda em Benveniste (1989, p. 26). Ademais, as reflexões geridas em torno das teorias, em geral, permanecem trancafiadas em bibliotecas e repositórios digitais, sendo pouquíssimas intervenções que chegam às salas de aula da educação básica.

Assim, consideramos que a linguística enunciativa, sobretudo a teoria da enunciação sobre a polifonia e ironia de Ducrot (1987) permite aos professores refletirem sobre como podem ajudar seus alunos a desenvolver suas competências, dentre elas a habilidade de leitura. A comunidade docente deve refletir que ler significa compreender os sentidos manifestados pelas vozes de diferentes sujeitos que compõem a cadeia enunciativa. No tocante à leitura de textos irônicos, sua importância na sala de aula dar-se pela inserção do aluno como sujeito crítico, capaz de ler o que é codificado verbalmente, visualmente e os seus implícitos. Compreendemos, portanto, a leitura como uma chave de inclusão em diferentes culturas para que os alunos possam construir seus sentidos e agir socialmente nas diversas práticas letradas.

Referências

- AGUIAR, Adriana Aparecida Souza. *Gêneros textuais e produção de texto em inglês*. In: DIAS, R.; DELL'ISOLA, R.L.P (orgs.). *Gêneros textuais: Teorias e práticas de ensino em LE*. Campinas: Mercado de letras, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Gêneros textuais e ensino: contribuições do interacionismo sócio discursivo*. In: KARWOSKI, A.M;
- DOMINGUEZ, Michelle. *Do sistema à ação, do homogêneo ao heterogêneo: movimentos fundantes dos conceitos de dialogismo, polifonia e interdiscurso*. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso [online]. 2013, vol.8, n.1, pp. 5-20.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. GUIMARÃES, E. (tradutor). Campinas: Pontes, 1987.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GAYDECZKA, B; BRITO, K.S (orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.
- GUARESI, R. *A influência da experiência em leitura no desempenho de produção escrita*. In: BORBA, V.C.M; GUARESI, R. *Leitura: processos, estratégias e relações*. Maceió: Edufal, 2007.
- KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. 11ed. Campinas: Pontes, 2008.
- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *Leitura e condição do leitor*. In: YUNES, E. (org.) *Pensar a leitura: complexidade*. 2ed. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2005.
- PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. Tradução Maria do Rosário Gregolin et al. São Carlos: Clara Luz, 2006.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *O diálogo de Oswald Ducrot e Émile Benveniste*. In: TEIXEIRA, M; FLORES, V.N. (orgs.) *O sentido na linguagem*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.
- XAVIER, Antônio Carlos. *Trajetória e legado de um filósofo da linguagem: Oswald Ducrot*. (Tradução) In: *Revista investigações*, vol.25, n.2. PPGL, UFPE, 2012.

THE CONSTRUCTION OF MEANINGS IN THE ENGLISH LANGUAGE: REFLECTIONS ON READING OF IRONIC TEXTS IN THE POLYPHONIC-PERSPECTIVE OF DUCROT

ABSTRACT

This research paper aims to make a reflection on reading of ironic English texts as an enunciative-polyphonic activity. In basic education it is essential that reading lessons base in the construction of meanings, not just in the "literal" decoding, after all our speech takes place in interlineations.

Keywords: reading, english, irony.

Recebido em 09/07/2014.

Aprovado em 10/11/2014.